

O curso de relações internacionais e o mercado

José Luiz Niemeyer dos Santos

O ex-chanceler do governo FHC e professor da USP Celso Lafer, ao traçar o perfil do campo de estudos das relações internacionais, destaca: "Não há qualquer centro único ou perspectiva hegemônica a determinar a hierarquia epistemológica das relações internacionais".

A partir dessa colocação de Lafer é possível buscar definir quais as áreas de atuação do profissional formado em relações internacionais.

Será ele um teórico, ou um operador de relações internacionais? Desde a abertura comercial definitiva iniciada nas últimas décadas, em paralelo ao processo de internacionalização dos fluxos produtivos e financeiros, e, ainda, confirmada a lógica da globalização, pretende-se definir o campo de atuação dos chamados internacionalistas.

Alguns serão diplomatas.

Outros, pesquisadores e professores; funcionários de organizações e agências internacionais; agentes de governo; e assim por diante.

Sempre criando e recriando um espaço novo de atuação para o profissional desta área a partir das próprias origens conceituais e da predisposição daquele que decide por relações internacionais (RI).

No entanto, há ainda muitos graduandos que se perguntam se poderão atuar na área privada das relações internacionais.

Nesse caso, os formados em RI irão atuar como assessores de alto nível nas organizações empresariais, nacionais ou multinacionais.

Estes serão analistas com um viés de análise multidisciplinar, denso, preparados para pensar a conjuntura externa sob a influência da situação interna; e vice-versa.

"N" são os estudos de casos atuais que apresentam esse desafio.

Inclusive e principalmente na perspectiva da empresa brasileira, cada vez mais inserida no sistema mundo.

Os internacionalistas do setor privado brasileiro irão, por exemplo, auxiliar na tomada de decisão da Vale em assumir ou não um novo projeto na Colômbia; formatar informações para a definição das parcerias que a Alcoa busca implementar em novos mercados com a China; apresentar relatórios alternativos sobre os países nos quais a Embraer enxerga possibilidades de mercado, seja na área civil ou de defesa; projetar os entraves ou os benefícios para as operações na América do Sul de empresas de papel e celulose, tanto na área do meio ambiente como na esfera da cooperação regional. Analisarão as muitas variáveis geoestratégicas das commodities agrícolas produzidas no Centro-Oeste brasileiro e suas implicações no setor da logística multimodal da parte norte do continente; irão trabalhar em empresas de fornecimento de energia a partir dos centros de distribuição localizados no Brasil; e assim por diante, focando uma rede de possibilidades quase incomensurável.

Sem falar nas pequenas e médias empresas brasileiras que irão ganhar tamanho econômico e buscar parcerias e negócios no exterior.

Em suma, os internacionalistas atuarão em organizações e empresas privadas como advisers de alto gabarito, esclarecidos e dotados de uma gama sofisticada de instrumentos de análise, tanto de conjuntura nacional e internacional como de construção de cenários prospectivos.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 18 nov. 2009, Primeiro Caderno, p. A9.